

REALIZADORAS AMADORAS

FILMES DA FAMÍLIA MANUELA DE SOUZA FILMES DA FAMÍLIA MIRANDA

Cópias: da Videoteca – Arquivo Municipal de Lisboa, digitais (a partir de materiais em 8mm), coloridas, sem som, 24 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

TEATRO INFANTIL – ARTES DE MAGIA / 1959

filme de MARIA HELENA NORONHA FEYO

Realização, Encenação, Coreografia, Caracterização: Maria Helena Noronha Feyo / “Coadjuvada por”: Maria de los Milagros Martinez, Maria de Lurdes Madeira Costa / *Argumento:* Maria Helena Noronha Feyo “intercalado de excertos” de A. Armando, Adolfo Simões Müller, Alice Ogando, A. Machado, ‘Lygia’, Reinaldo Ferreira / *Imagem:* José Maria Noronha Cordeiro Feyo / *Luz:* João Páscoa / *Colaboração:* Américo Teixeira, Luna Carvalho, Oswaldo Ferreira / *Cenários:* Carlos Jorges, Acácio Videira, Luna Carvalho / *Guarda-roupa:* “confeccionado pelas mães dos pequenos artistas (...) sob a direção de Maria Helena Noronha Feyo / *Elenco* (6 a 14 anos): Abílio José Fonseca, Albertina Maria Rocha, Ana Bela Mendes, Ana Maria Casanovas, Ana Maria Moura Pires, Angela Maria Cardoso Castro, Armando Arruda, Carlos Alberto Marques, Carlos Alberto Moura Pires, Carlos Eurico Teixeira de Sousa, Carlos Fernando Moura Dias, Evelize Moniz, Fernanda Maria Neves Francisco, Filomena Maria Arruda, Francisco Manuel Teixeira de Sousa, Gisela Cátia Moniz, Hernani Eduardo Rosa, Isaura Maria Antunes Salgueiro, Joaquim Manuel Santos Carvalho, Jorge Manuel Santos, José João Rocha Afonso, José Luís Melim, Luís Filipe Melim, Luís Filipe Oliveira Casales, Luiza Maria Loureiro, Margarida Toste Rego, Maria Cidália Gonçalves, Maria Leonor Borges, Maria Leonor Moura, Maria Luisa Teixeira, Maria Manuela Maldonado Ferreira, Mário Henrique Santos David, Nelson João Santos Teixeira, Vanda Marina Rosendo / “*Produção*”: Casa do Pessoal da Diamang (Angola, 1959) / *Gravação da peça:* 13 de junho de 1959, Dundo / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa, 16mm, colorida, sem som, 16’ / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Duração total da projeção: 41 minutos

Sessão com apresentação.

A Videoteca – Arquivo Municipal de Lisboa guarda (provavelmente) a mais completa e representativa coleção de filmes de família em Portugal. Isso resulta de uma campanha organizada pela instituição há mais de uma década para a recolha e digitalização de filmes de família (e que não se cinge apenas ao contexto lisboeta – sendo um arquivo municipal, tem um propósito nacional). Assim, no contexto de um ciclo como *Pioneiras do Cinema Português*, onde procurei, desde logo, incluir práticas amadoras, era impossível não pedir a participação da Videoteca. Assim, lancei um desafio: peço-vos “ajuda a identificar os títulos da vossa coleção [de filmes amadores] com produção até meados dos anos 1960 que tenham sido filmados por mulheres.” A resposta de Fátima Tomé, funcionária do arquivo e historiadora, foi muito generosa: “a Videoteca tem de facto um arquivo de filmes de família já expressivo, fruto de uma angariação iniciada em 2014 e em permanência; e como sabe, a maioria dessas imagens foram registadas pelo elemento masculino e dominante da família. Sei que nestes filmes de arquivos familiares repete-se em muitas coleções o facto de existir uma bobine ou outra filmada pela mulher, suponho eu já que o homem/marido/pai, etc. está a ser filmado. Ainda assim consigo destacar três coleções para o período que pretende supostamente filmadas por mulheres (ou em parte).” Essas três coleções correspondem aos filmes da família Manuela de Sousa, aos filmes da família Miranda e depois uma pequena coleção de apenas quatro bobines da família Vitorino da Silva (apesar de muito belas, as imagens desta terceira coleção não foram incluídas nesta sessão).

A primeira, constituída por 41 bobines de 8mm colorido foram filmadas, maioritariamente por Maria Manuela de Sousa (nascida em 1921), locutora da Emissora Nacional, e terão sido rodadas entre as décadas de 1950 e 80. A segunda, composta por 45 bobines (também em 8mm colorido), corresponde a uma espécie de “correspondência cinematográfica”, onde os filmes de família eram enviados pelo correio entre o Minho e o ex-Congo Belga. Urbina Miranda e o marido emigraram por dois anos para a colónia belga para participarem no negócio da torrefação de café de um familiar em Kinshassa (Cafés Miranda). Nesse período, os três filhos (Zezinha, Clarinha e Fátinha) ficaram a viver com os avós em Barroelas. Os filmes em 8mm serviam para que cada lado da família pudesse manter uma relação de “proximidade de visual”. Tanto num caso como no outro, os que veremos nesta sessão corresponde a típicos filmes de família: registo de eventos familiares, viagens, cerimónias, brincadeiras; os filmes não têm grande rigor formal (sem som, praticamente sem montagem) e não produzem um olhar singular (a câmara circula pelos vários membros da família

consoante a necessidade de registar determinado momento – aliás, no caso da família Manuela de Sousa fica claro que existiam pelo menos duas câmaras). Daí que, nesta sessão, se tenha sempre referido aos filmes como pertencentes ao núcleo familiar e não a um dos seus elementos específicos (ainda que, no contexto deste ciclo, quem se procura valorizar são as mulheres que seguram na câmara).

No caso da primeira coleção, veremos uma seleção de 4 rolos (todos com cerca de 3 minutos cada) que correspondem: a uma viagem ao Brasil (Rio de Janeiro) em meados dos anos 1960 onde se destaca a presença da própria Maria Manuela de Sousa (de câmara na mão) presumivelmente filmada pelo marido; seguida por outro rolo rodado em Brasília onde, mais uma vez, é possível identificar a dinâmica das duas câmaras de filmar (ele filma-a, ela filma-o – o que confirma a circulação da câmara); mais tarde, numa viagem ao Sul de França, a filha (também chamada Maria Manuela de Sousa, nascida em 1946) surge enquanto adolescente/jovem adulta e há um plano belíssimo em que a mãe filma a montra de uma loja, incluindo a filha e o seu próprio reflexo; por fim, num rolo já “tardio” (corresponde ao número 43, provavelmente filmado já nos anos 1970) descreve-se um jantar familiar numa casa de campo e tudo termina com uma faca no coração! A força dos filmes “domésticos” está na pujança de certas imagens que rompem o bucolismo do quotidiano. No segundo caso, trata-se de um rolo só, de mais de 10 minutos, montado pela própria família Miranda. Na primeira parte, rodada no Congo, provavelmente nas férias de Verão quando as crianças puderam visitar os pais, temos acesso à forma como a família Miranda geria o negócio de cafés, com os vários trabalhadores negros, muito jovens, que protagonizam o filme juntamente com os filhos do casal (e os cães de caça). Essas imagens são intercaladas com outras, captadas no Minho pelos avós, onde se assiste a festas religiosas com procissão e andores; sendo que logo depois se regressa ao Congo para descrever um *picnic* onde todos envergam os típicos chapéus coloniais e saúdam a câmara. Aqui o cinema servia para mitigar a distância e a saudade.

A segunda parte da sessão corresponde a um pequeno filme de Maria Helena Noronha Feyo, também produzido em contexto colonial. Estão-lhe atribuídos apenas dois filmes, este e **A Bela Aventura** (1958), ambos a cores e rodados em 16mm. Os filmes de Maria Helena foram depositados pelo seu neto, Paulo Miranda, em 2008, na sequência da investigação de Diana Andringa para o documentário **Dundo, Memória Colonial** (2009). Andringa foi uma das “crianças da Diamang”, isto é, filha dos funcionários da maior companhia de extração de diamantes em Angola que operou durante todo o período colonial português. Andringa nasceu no Dundo, em 1947, e viveu na “cidade da Diamang” até ao 25 de Abril. Foi ela que se lembrou que José Maria Noronha Feyo era, além de funcionário da empresa, um aficionado da fotografia e do filme. Com as suas várias câmaras foi documentando diferentes eventos e Diana Andringa recordava-se que algumas das festas infantis haviam sido registadas. Foi ela que encontrou a filha de Maria Helena, Aida, e que levou os herdeiros a depositarem os 18 títulos da coleção, onde se incluem imagens da Diamang e do Dundo, festas de Carnaval e Natal, filmes domésticos com viagens e nascimento de filhos ou exposições de floricultura. Nesses materiais, dois filmes creditam explicitamente Maria Helena Noronha Feyo como realizadora (os dois já referidos). Sabemos que era o marido que filmava, mas sabemos também que no que respeita às festas infantis, Maria Helena estava particularmente envolvida. Segundo o programa dos espetáculos (em particular de **Teatro Infantil** – o programa está disponível no repositório informal disponível online em diamang.com) temos que Maria Helena escrevia, compunha, encenava, coreografava, caracterizava e coordenava o guarda-roupa dos espetáculos. O que este filme confirma é que, além de tudo isso, se preocupava com o registo fílmico desses mesmos espetáculos.

O filme corresponde ao registo de um espetáculo de teatro infantil rodado aquando da sua apresentação pública aos familiares e funcionários da Diamang. O enquadramento dá-nos o palco e as ações dos jovens atores (sem som), onde cada qual apresenta diferentes rábulas, número musicais, declamações de poemas, etc. Para uma peça infantil é particularmente sofisticada (especialmente no que respeita ao guarda-roupa “confeccionado pelas mães dos pequenos artistas” e por várias outras senhoras). O registo não reproduz o espetáculo, antes coleciona imagens de cada um dos momentos, de modo que todas as crianças ficassem registadas. A câmara opta frequentemente por plano gerais que abarcam toda a boca de cena, mas também se concentra em planos mais aproximados sobre um ou outro intérprete (ainda que sempre a partir do mesmo ponto de vista – atrás da plateia que permanece ausente, ainda que se perceba que havia um pequeno fosso para orquestra onde todos os músicos eram, ao que parece, homens negros). Não fosse o suporte (16mm), o colorido das imagens e a riqueza da encenação, estas seriam imagens de mais uma festa infantil sem particular relevância. Mas pelo contexto em que foram produzidas (a presença colonial e extrativista portuguesa em Angola) e pelo que revelam da vida dos funcionários da Diamang (e pelo que não mostram sobre o racismo – aquele é um mundo de fantasia idealizado), **Teatro Infantil – Artes de Magia** converte-se num documento com relevância histórica.